



**INVENTANDO HISTÓRIAS:
entre câmeras, conversas e invenções**

**INVENTING STORIES:
between cameras, conversations and inventions**

**INVENTANDO HISTORIAS:
entre câmaras, conversaciones e invenciones**

Shênia Mineiro Martins¹
Cássios Clay Oliveira Gomes²

RESUMO

A presente resenha é sobre o Programa de Entrevistas "Inventando Histórias", fruto do projeto de extensão Histórias para Educar, do EduStoryLab – Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Ciberultura. Neste trabalho, mergulhamos nos fundamentos da contação de histórias digitais, apresentando uma resenha dos episódios do programa que compõem a temporada 1: Ficção, Memória e Experiência. Reservamos um espaço especial para o primeiro episódio em língua castelhana, intitulado “Viaje”. Enquanto a “Ficção” emerge como prática de imaginação e criação, a “Memória” é enaltecida como recurso essencial para narrativas contemporâneas. Já a “Experiência” nos convida a uma jornada que transita entre o individual e o coletivo. Ampliando esse panorama, Walter Kohan, no episódio “Viaje”, nos conduz a uma reflexão que transcende o deslocamento físico, abrindo caminhos para uma narrativa pedagógica que passa pela Pedagogia Menina da Pergunta. Em suma, esta resenha destaca um programa de entrevistas, que se inaugura como uma possibilidade de audiovisualização e popularização da ciência e pesquisas no campo educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Inventando Histórias; programa de entrevistas; divulgação científica; audiovisualização da ciência.

ABSTRACT

This text is a review of the Interview Program “Inventing Stories”, the result of the extension project “Stories to Educate”, of the EduStoryLab - Research Laboratory in Stories, Technologies and Education in Cyberculture. In this work, we dive into the fundamentals of Digital Storytelling, presenting a review

Submetido em: 1/11/2023 – **Aceito em:** 13/11/2023 – **Publicado em:** 13/12/2023

¹ Licenciada em Letras pelo Centro Universitário da Cidade e Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro do EduStoryLab/UERJ e integrante do Projeto de Extensão “Histórias para Educar”.

² Graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro Graduação (UERJ), integrante do Projeto de Extensão “Histórias para Educar”. Atualmente, é Mediador Bolsista da Fundação Oswaldo Cruz, onde exerce atividades no Museu da Vida, além de coordenar o Pré-Vestibular Popular do Bom Pastor.

of the show's episodes that make up season 1: Fiction, Memory and Experience. We reserve a special space for the first episode in Spanish, titled “Journey”. While “Fiction” emerges as a practice of imagination and creation, “Memory” is exalted as an essential resource to narrate the present, the episode of “Experience” invites us to a journey that moves between the individual and the collective. Expanding this panorama, Walter Kohan, in the episode “Journey”, leads us to a reflection that transcends the physicality of going from one place to another, opening paths for a pedagogical narrative that passes through the “Menina Pedagogy of the Question”. In summary, this review highlights an interview program, which is inaugurated as a possibility of audiovisualization and popularization of science and research in the educational field.

KEYWORDS: Inventing Stories; Interview Program; Scientific Dissemination; Audiovisualization of Science.

RESUMEN

El presente texto es una reseña sobre el Programa de Entrevistas “Inventando historias”, fruto del proyecto de extensión “Historias para Educar”, del EduStoryLab – Laboratorio de Investigación en Historias, Tecnologías y Educación en la Cibercultura. En este trabajo, nos sumergimos en los fundamentos de la narración de historias digitales, presentando una reseña de los episodios del programa que componen la temporada 1: “Ficción, Memoria y Experiencia”. Reservamos un espacio especial para el primer episodio en castellano, titulado “Viaje”. Mientras la “Ficción” surge como una práctica de imaginación y creación, la “Memoria” es enaltecida como un recurso esencial para narrar el presente, el episodio de “Experiencia” nos invita a una jornada que transita entre lo individual y lo colectivo. Ampliando este panorama, Walter Kohan, en el episodio “Viaje”, nos conduce a una reflexión que trasciende lo físico de ir de un lugar a otro, abriendo caminos para una narrativa pedagógica que pasa por la “Pedagogía Menina de la Pregunta”. En síntesis, esta reseña destaca un programa de entrevistas, que se inaugura como una posibilidad de audiovisualización y popularización de la ciencia y las investigaciones del campo educativo.

PALABRAS CLAVE: Inventando Historias; Programa de Entrevistas; Divulgación Científica; Audiovisualización de la ciencia.

*“O problema não é inventar
é ser inventado hora após hora
e nunca ficar pronta
nossa edição convincente”
(Carlos Drummond de Andrade)*

Introdução

“Inventando Histórias” é um programa de entrevistas que faz parte do projeto de extensão Histórias para Educar³ (nº 6739/DEPEXT, 2022), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pela professora doutora Tania Lucía Maddalena. Idealizado e

³ Site do projeto Histórias para Educar: <https://historiasparaeducar.com/>

desenvolvido pelos docentes e discentes que compõem o EduStoryLab, Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Ciberultura, o programa defende o conhecimento produzido nas instituições públicas de ensino superior. Ao proporcionar um espaço de diálogos reflexivos com os convidados, tenciona inspirar narrativas inovadoras que contribuam para a formação docente. Ainda, é uma plataforma experimental na qual exploramos novas linguagens na disseminação e democratização do acesso ao conhecimento científico.

Disponível na plataforma do *Youtube* (<https://www.youtube.com/@historiasparaeducar>), o canal conta com 185 inscritos até o momento. Desde a primeira publicação, em novembro de 2022, os quatro episódios somam juntos 1.612 visualizações no *YouTube* e mais de 8.550 visualizações dos trechos sobre o programa divulgados na página no *Instagram*⁴.

A primeira temporada do programa desdobra-se em quatro episódios, cada um explorando uma faceta da arte de contar histórias (MADDALENA, 2018), proporcionando uma base sólida para a formação docente e a difusão do conhecimento acadêmico. No episódio “Ficção, com Leonardo Nolasco-Silva”, mergulhamos no universo das narrativas inventadas, destacando o papel vital da imaginação e da criatividade na educação. “Memória, com Alexandra Lima da Silva”, por sua vez, explora a importância de registrar e refletir sobre nossas experiências passadas, ilustrando como a escrita de si é um poderoso instrumento de aprendizado. O terceiro episódio, “Experiência, com Isabelle Borges”, nos conduz através da relação entre viver e aprender, enfatizando como nossas vivências moldam nossa percepção do mundo e influenciam nosso processo educativo. Finalmente, o episódio especial “Viaje, com Walter Kohan” expande o conceito de viagem, tanto em seus aspectos literais quanto metafóricos, e destaca a influência das jornadas, sejam elas físicas ou introspectivas, em nossa maneira de contar histórias. Juntos, esses episódios compõem um roteiro coeso e inspirador, que esperamos que possa guiar educadores e interessados pela jornada do *Storytelling*.

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/historiasparaeducar/reels/>



Episódio 1: Ficção, com Leonardo Nolasco-Silva



Link: [Ficção com Leonardo Nolasco-Silva | Inventando Histórias \(Episódio 1\)](https://youtu.be/XeQszvgzxEM)

<https://youtu.be/XeQszvgzxEM>

O episódio inaugural teve como convidado o multifacetado Leonardo Nolasco-Silva, que é professor, ator, roteirista, editor e compositor musical. Durante o período da pandemia, produziu uma websérie de ficção chamada “*Isolados*”⁵. Leonardo, navegante das narrativas ficcionais, ressignifica constantemente o papel do educador, valendo-se do *Storytelling* enquanto recurso didático em sua prática pedagógica. Ele defende a ideia de que os seres humanos vestem personagens ao longo da vida: “Mais que homo sapiens, somos homo fabulators” (SCOLARI, 2013). Nolasco enfatiza que vivemos em estado perpétuo de invenção e fabulação. Nesse contexto, professores e atores são contadores de histórias. No entanto, enquanto o ator não tem certeza de contar com uma plateia, o professor tem esse privilégio diariamente. E ter uma plateia garantida é uma inspiração para esse professor – formado em ciências sociais - que foi entendendo, ao longo de sua primeira graduação, que a docência, mais do que uma arte de educar, é uma arte de seduzir, de convencer, de contar e mudar a história das pessoas.

Pensar a docência a partir dessa perspectiva, a de que o professor é também um ator, torna a experiência muito mais saborosa, segundo Nolasco-Silva. A palavra é a matéria do trabalho docente, é por ela que nos comunicamos e afetamos o outro. Todavia, não devemos

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/isoladosaserie/>

nos esquecer do corpo que a enuncia, que a torna coisa encarnada. Falamos com um corpo localizado e situado diante de um público. Corpo e palavra, docência e atuação, estão, portanto, imbricados.

A entrevista segue com uma provocação de Manoel de Barros que diz que “*Tudo que não invento é falso*”. Sob essa perspectiva, nosso convidado defende que a ficção é a única verdadeira existência, uma vez que fabulamos e criamos significados para nossa vida cotidiana. Refletir através dessa sentença de Manoel de Barros é tomar para si uma chave que possibilita ao leitor olhar para o mundo com outra perspectiva; pois, por mais que existam marcadores sociais que nos obriguem, por vezes, a seguir determinados roteiros, somos também roteiristas de nossas vidas. A partir das astúcias, das táticas e das práticas (CERTEAU, 2012), mudamos nossas histórias e escrevemos nosso próprio roteiro, seja em nossas vidas pessoais, seja em nossas trajetórias enquanto educadores. Nolasco-Silva encerra o primeiro bloco da conversa enfatizando que a invenção nada mais é, portanto, do que o modo como conferimos sentido à vida e alargamos nossa existência.

Dessa forma, surge o questionamento: por que, apesar da relevância e onipresença da ficção em nossas vidas, do seu papel crucial em nossa compreensão de mundo, abrimos mão dela nos espaços educativos, deixando-a relegada à educação infantil? É a partir dessa inquietação que prossegue a entrevista. O professor e pesquisador Nolasco-Silva cita, então, a Pedagogia Menina da Pergunta, de Paulo Freire, que incentiva uma curiosidade incessante sobre o mundo e propõe que o encaremos sempre com olhar estrangeiro. Essa pedagogia foi bastante debatida em nosso episódio especial com Walter Kohan, como pode ser visto no último tópico desta resenha.

Por fim, Nolasco-Silva nos convida a ouvir mais as histórias dos outros, expandindo, assim, nossos territórios existenciais. Nesse sentido, a história do outro começa a fazer parte das histórias que nós mesmos contamos. Um exercício constante de alteridade. Foi assim que surgiu a websérie “*Isolados*”, a partir das histórias dos seus interlocutores de pesquisa. Apoiado em uma metodologia criada por ele mesmo, denominada de *praticantepensantealegórico*, Leonardo Nolasco-Silva desenvolveu as narrativas com colagens feitas de diversas histórias contadas por pessoas diferentes. Os interlocutores são transformados

em personagens conceituais, que são aqueles que fazem nosso pensamento se movimentar de modo que seja acessível ao leitor. A narrativa é, portanto, uma atualização da memória, nunca uma representação da verdade.

Ante o exposto, Nolasco-Silva nos brinda com suas reflexões sobre o papel da contação de histórias e da ficção enquanto recursos didático-pedagógicos vitais no processo de ensino-aprendizagem. A ficção não só é motor para contar histórias e inovar em metodologias didáticas, mas, sobretudo, para que nós, enquanto educadores, possamos nos utilizar dela para humanizar nossos espaços educativos e deixá-los mais saborosos, valendo-se do que é mais caro em nosso trabalho, que é a arte de nos reunir e contar as histórias que nos constituirão eternamente enquanto sujeitos “Homo Fabulators” (SCOLARI, 2013).

Episódio 2: Memória, com Alexandra Lima da Silva



Link: [Memória com Alexandra Lima da Silva | Inventando Histórias \(Episódio 2\)](https://youtu.be/pIxxS2LICHg)

<https://youtu.be/pIxxS2LICHg>

Neste episódio, a professora e escritora Alexandra Lima foi convidada a explorar a memória de uma maneira nada convencional. Alexandra, que também é historiadora, entrelaça habilmente histórias reais com produção ficcional, trazendo uma perspectiva única e enriquecedora para nosso diálogo.

Manoel de Barros, um dos escritores que temos trazido para dialogar com nossos entrevistados, fala de “criar memórias que são inventadas”; pois, quando narramos, estamos resgatando e reinventando nossas memórias ao mesmo tempo. E, sabendo que a memória é



matéria prima para os historiadores da educação, nossa entrevistada foi convidada a nos contar qual é o lugar da invenção e da ficção no resgate dessas memórias e como trabalha com esses conceitos.

Alexandra traz então para nossa conversa um relato sobre sua infância, sobre como a falta de pessoas negras em posição de destaque nas histórias que lia quando criança foi determinante para suas escolhas profissionais, inclusive. Não havia, segundo ela, personagens negras protagonistas que a inspirassem e nas quais ela se reconhecesse. “Extremamente violento” foi o termo utilizado por ela para definir o sentimento de experimentar uma escola inegavelmente eurocentrada. Foi o que a levou, inclusive, a optar pelo curso de História, embora, no momento, ela admita que fazer ficção é o que mais lhe dá prazer.

Seu trabalho tem como base suas próprias memórias, memórias de uma coletividade e a fundamentação em documentos oficiais. E é a ficção que a ajuda a pensar o protagonismo da população negra, já que nem tudo está documentado. Contudo, embora não seja possível comprovar a partir de documentos históricos as histórias passíveis de terem ocorrido – e que, muitas vezes, chegam até nós através da oralidade –, podemos pensá-las a partir da ficção.

É dessa forma que Alexandra Lima também se apresenta hoje: uma historiadora que convive muito bem com a escritora de ficção, admitindo que trilhou um longo percurso de leituras de mulheres negras, como a escritora, editora e professora estadunidense Toni Morrison, que a motivou a seguir sua trajetória na ficção, trazendo para seus trabalhos o conceito de escrita de si.

Alexandra relata que escreve em primeiro lugar para si mesma; para a criança negra que foi e que não teve acesso à literatura afrocentrada, cuja importância para o processo de reconhecimento é fundamental. Uma “reparação histórica” consigo e com sua comunidade, é como ela define um dos aspectos principais de sua escrita. Nossa convidada escreve os livros que gostaria de ler ou de ter lido. Ademais, é importante se reconhecer como escritora negra, e entender que, hoje, ela é a protagonista que lhe faltava como exemplo quando criança, percebendo nesse lugar em que se encontra sua responsabilidade enquanto professora universitária formadora de outros professores, mestres e doutores. A escrita, para ela, além de uma reparação histórica, é também uma questão de responsabilidade social. E é por esse motivo que Alexandra apresenta seus livros infanto-juvenis nas escolas públicas do Rio de Janeiro.

Ela construiu uma personagem que a acompanha em suas viagens constantes a essas escolas públicas do Rio de Janeiro: Violeta. A protagonista, que é também o alter-ego de Alexandra, descobre que estudava em uma escola que havia sido criada há mais de cem anos – em um tempo de escravidão no Brasil –, mas que não recebera o nome de quem a fundou, o que considerava extremamente injusto. Assim começa a fascinante história de “A Viagem de Violeta” (LIMA, 2021), que cumpre um papel essencial à contação de histórias, cujo um dos exercícios é o de viajar nas memórias historiográficas, fabulando histórias a partir delas. Esse trabalho que Alexandra faz com Violeta nas escolas é imprescindível, pois, por meio da literatura, ela compartilha a importância de roteirizar a vida a partir das memórias, tendo em vista que, sem a memória do nosso passado, ficamos à mercê de um futuro incerto. Enquanto sujeitos, somos profundamente marcados pela memória, que se estabelece como um dos pilares essenciais na arte de contar histórias; afinal, é através dela que construímos e narramos nossas próprias existências.

Episódio 3: Experiência, com Isabelle Borges



Link: [Experiência com Isabelle Borges | Inventando Histórias \(Episódio 3\)](#)

<https://youtu.be/e2BnPqkikYw>

No encerramento da primeira temporada de “Inventando Histórias”, tivemos o prazer de receber Isabelle Borges para uma discussão enriquecedora sobre a experiência da escrita. Referida carinhosamente por Tania como “Belle”, ela não só transita pela linguagem poética, como também carrega os títulos de Mestre em Psicologia do Desenvolvimento Humano e

sensibilizadora criativa, trazendo, assim, uma perspectiva multifacetada e tocante para a conversa.

Formada em Educação Física, abriu mão de um trabalho considerado estável para seguir seu sonho de trabalhar como escritora. Em 2022, ela criou um *Podcast* na plataforma *Spotify*⁶, o “Habitar Poético”, cujas temáticas giram em torno de como lidar com as crises criativas a partir de “um ato mais poético de habitar o mundo”. São narrações acerca das reflexões de acontecimentos e crises cotidianas que envolvem o processo de criação.

Belle, ao destacar a experiência como meio de autoconhecimento, nos oferece uma visão fascinante. A escritora compartilha detalhes de sua própria história, rememorando momentos da infância nos quais sua energia transbordante encontrava saída através do movimento constante. Com o tempo, essa necessidade de expressão transformou-se, migrando do corpo para a pena e, assim, Belle se redescobriu como escritora. Seu livro infantil “Bilica Chorona” (2018), nasceu de uma recordação infantil, marcada pelo momento em que percebeu as lágrimas de sua mãe aos seis anos de idade, pois “viver é sinônimo de experimentar e tomar consciência da própria experiência”.

Para Isabelle Borges, corpo e escrita estão intrinsecamente ligados. A arte de escrever é uma prática individual, pois ela se estabelece a partir de um conjunto de experiências que cada indivíduo teve ao longo da sua vida ou tem no processo mesmo de escrever. O corpo se coloca como cerne nessa perspectiva, pois é através dele que os estímulos sensoriais – como um cheiro, o barulho do mar, o gosto de uma comida – e as experiências vividas que ficam guardadas na memória destravam nossas mentes. Temos, então, o que chamamos de *insight*, que, segundo Isabelle, “é a vida inteira que se organiza naquele instante”. Reflexão realmente poderosíssima, como salienta Tania. É o momento no qual todo nosso repertório, nossas experiências de vida, se organizam em nós e começam a fazer sentido.

No segundo bloco da conversa, Tania traz à discussão a metodologia criada por Isabelle, o “*Habitar Poético*”, que se resume em incorporar a escrita às suas vidas. Belle propõe aos seus alunos que transitem durante oito dias por inspirações poéticas, a fim de construir novos

⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1D1wkYZYguFENajER0IZUG?si=758b11a74b554464>



sentidos para seus cotidianos. Essa experiência influencia, fundamentalmente, na relação entre a escrita e a contação de histórias. Essa imersão proporciona aos alunos compreender que escrever transcende a simples ação de colocar palavras no papel, sendo um fenômeno que nos habita profundamente, pois fazemos notas mentais a todo momento.

À medida que a conversa avança, Isabelle Borges toca em um ponto crítico e revelador: o medo que as pessoas têm quando se trata de escrever, uma insegurança que ela identificou em suas oficinas de escrita criativa. Borges nos traz relatos de seus alunos sobre essa interrogação, tendo em vista que não somos estimulados a escrever e, tampouco, a exercer nossa criatividade quando crianças e adolescentes. Como, então, convencer seus alunos de que a experiência de escrever não está desassociada da experiência de viver, do estar? Como fazer entender que o criar não vive em um tempo outro distante da vida, como se dela não fizesse parte? Para Isabelle, esse ser criativo é cotidiano, ele escolhe como habitar o mundo ao se colocar em contato com a própria poética de existir. E, se existe uma poética de ser e uma poética de existir, como fazer com que as pessoas percebam que a conexão, que a experiência está no encontro, que não está nem dentro, nem fora de nós? São essas as inquietações que também nós, professores, trazemos para as nossas salas de aula. Como criar uma escola que privilegie o espaço do encontro, do criar, do recriar-se diariamente? Como ensinar – se é possível fazê-lo – a “transver o mundo”, como diz Manoel de Barros? Como recuperar experiências poéticas em espaços de formação?

Isabelle nos convida, portanto, a pensar sobre a “política do sensível”, cuja matéria é semelhante àquela da pedagogia do amor, de Paulo Freire, para quem é impossível educar sem afeto. E sensibilizar, afetar o outro, é algo intrínseco às nossas narrativas, às nossas percepções de mundo. É preciso, segundo nossa entrevistada, valorizar nossa presença no mundo; e a nós, professores, cabe aprender como conectar o nosso ser sensível com o ser sensível do outro, uma vez que, citando novamente Freire, não educamos e somos educados por ninguém; aprendemos uns com os outros nesse mundo que nos atravessa. Um mundo de matéria, de criação, de invenção de histórias, das nossas próprias histórias, de narrações que estabelecem vínculos com outras pessoas.



É por esse fio narrativo que seguimos para o fim de nossa entrevista, com o convite de Isabelle a não subestimar o poder de constituição do grupo, de viver uma experiência, quer seja oficinas nos espaços não formais de aprendizagem, quer seja em um ano letivo no ambiente escolar, proporcionando uma experiência de educação. E essa experiência de conexão se dá pelo afeto, pelos vínculos que estabelecemos no campo do sensível.

Episódio especial: Viaje, com Walter Kohan



Link: [Viaje con Walter Kohan | Inventando Historias \(Episodio Especial\)](https://youtu.be/Z7ZdMpgL3j4)

<https://youtu.be/Z7ZdMpgL3j4>

A temporada se encerra após três episódios que formam a tríade basilar para a contação de histórias. Contudo, ainda nos faltava explorar um aspecto crucial das histórias: a viagem. Seja através da literatura, música, cinema ou mesmo da experiência direta de viajar, esse tema se faz onipresente em nossas narrativas. Para aprofundar essa discussão, nossa coordenadora convidou seu antigo professor no Doutorado, Walter Kohan, que é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pesquisador em Filosofia da Infância e coordenador do "Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias" (NEFI). Esse episódio é considerado especial, não só por estar fora da tríade diversas vezes mencionada, mas, sobretudo, porque foi filmado em espanhol – língua materna de ambos.



Filmado no Núcleo de Memória Audiovisual da UERJ – espaço gentilmente cedido para nós nesta gravação –, a conversa tem início com uma indagação intrigante: viajero ou viajante? Essa distinção é importante, pois ao navegarmos por outra língua, exploramos diferentes significados. Em língua portuguesa, ambas têm o mesmo significado: aquele que viaja muito e gosta de viajar. Contudo, Tania destaca que, na Argentina, o viajante é aquela pessoa que viaja vendendo mercadorias – o que, para nós, brasileiros, seria o caixeiro-viajante –, enquanto que viajero é alguém que está em constante viagem. Essa experiência de trabalhar em espanhol foi emocionante para toda a equipe, ressaltando como a língua constitui nossa identidade e como as viagens entrelaçam nossas histórias. Sabemos que não há um eu fora da língua, que ela faz parte de nossa identidade cultural e é através dela que nos situamos no mundo.

A conversa avança, trazendo para o debate as mais diversas conotações da palavra viagem, que pode, inclusive, ser utilizada pejorativamente. No Brasil, expressões como “Você está viajando”, ou ainda, “Está viajando na maionese”; com intenção de dizer que o interlocutor não sabe do que está falando ou está delirando, ilustram isso. Walter, porém, vê a associação da filosofia com a “viagem” de forma positiva e nos surpreende ao afirmar que quando ouve ser a filosofia uma viagem, ele se sente lisonjeado. Parar de viajar, segundo Walter, é uma forma de morrer um pouco.

Em seu mais recente livro, *Uma Viagem de Sonhos Impossíveis* (2022), Kohan apresenta diversas histórias da viagem de 100 dias pelo Nordeste brasileiro durante o ano de 2021. A princípio, acompanhado e, doravante, solitariamente. Foram mais de 15.000 quilômetros de carro pelo Brasil, visitando escolas e centros de educação popular, promovendo “círculos de conversa”. Esse feito se deu em comemoração ao centenário de Paulo Freire – educador que inspirou sua prática pedagógica. Ele discorre na entrevista que sua intenção era homenageá-lo com algo que o próprio Paulo Freire teria feito. Ele queria pôr em prática o que havia aprendido com suas leituras, queria uma viagem “Paulo Freiriana”, como chamou, uma ficção, uma reinvenção; pois, segundo Freire, para segui-lo, era preciso ir além, reinventando-o.

Foi assim que Walter se decidiu por uma viagem que implicava mais que conhecer os lugares, mas se dispor a exercitar a filosofia popular, a filosofia do encontro e colocar em perspectiva a arte da pergunta e da escuta, através de rodas de conversas. Ele já esteve,

inclusive, em rodas com mais de 3 mil pessoas de diferentes culturas, cidades e estados. De fato, seu livro é o resultado de uma viagem repleta de experiências transformadas em memórias. Ele não marca, contudo, o final dessa jornada, pois suas histórias continuam a reverberar em si e nas pessoas que participaram dela.

Seguindo nossa entrevista-conversa, o professor Walter pontua que uma viagem começa muito antes de partirmos e termina muito tempo após nosso retorno; uma perspectiva que ele acredita ser essencial na educação. Essa é a matéria da Pedagogia da Pergunta. Como Freire, ele abandona a ideia de linearidade das histórias com começo, meio e fim, pois estamos sempre no início de algo. Não há um “estar formado”, mas estamos sempre em processo de formação, sempre no começo de alguma coisa, mesmo que aparentemente estejamos terminando-a.

Esse episódio especial encerra nossa jornada pela série “Inventando Histórias” com uma reflexão sobre a essência da viagem e seu papel intrínseco na arte de contar histórias. Navegamos pelas nuances da viagem não apenas como um ato físico, mas como elemento vital do processo pedagógico. Por meio das palavras de Kohan, somos convidados a repensar o papel do educador e a importância do questionamento constante, elementos que se entrelaçam perfeitamente com os temas abordados nos episódios anteriores. Dessa forma, ‘Viaje’ reafirma nossa convicção de que a viagem, em todas as suas manifestações, é um elemento essencial e insubstituível na arte atemporal de contar histórias, ou de inventá-las, como o leitor preferir.

Referências

- BRUNER, J. *Fabricando histórias: Direito, Literatura, Vida*. São Paulo: Letra e Voz, 2014.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 20. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GONÇALVES, A. *Um defeito de cor*. São Paulo: Record, 2006.
- KOHAN, W. *Paulo Freire: Mais que nunca. Uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.
- LIMA, A. *A viagem de Violeta*. Curitiba: Appris Editora, 2021.



DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.79949>

Revista Docência e Cibercultura

MADDALENA, T. L. *Digital storytelling: uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SCOLARI, C. *Narrativas transmedia: Cuando los medios cuentan*. Barcelona: Deusto, 2013.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.